



I Congresso Internacional de
GRUPOCARMOLOGIA
I ENCONTRO DOS COLÉGIOS INVISÍVEIS
DA CONSCIENCILOGIA

Marcelo da Luz*

*Graduado em Filosofia e Teologia,
Pós-graduado em Teologia.
Coordenador do Colégio Invisível
da Assistenciologia
marcelo_da_luz@yahoo.com.br

Palavras-chave:

Assistência
Conflitos
Hermenêutica
Lavagem cerebral
Religião
Violência

Keywords:

Assistance
Conflicts
Hermeneutics
Brainwashing
Religion
Violence

Palabras-clave

Asistencia
Conflictos
Hermenéutica
Lavaje cerebral
Religión
Violencia

Mãos que Abençoam e Ferem: Considerações sobre Religião e Violência

Hands that bless and hurt: Reflections about
Religion and Violence

Manos que Bendicen y Hieren:
Consideraciones sobre Religión y Violencia

Resumo:

Este artigo propõe-se a analisar o nexó entre religião e violência - duas realidades idealmente opostas, contudo inexoravelmente unidas pelos fatos da História. Após elaborar o conceito e construir uma tipologia da violência religiosa, o Autor discorre sobre possíveis variáveis envolvidas nos conflitos religiosos. Entre essas variáveis, destaca-se a violência subjacente aos livros sagrados das religiões. A fé no conteúdo desses livros qual verdade absoluta e a necessidade de sua defesa contra eventuais dissidentes são apontadas pelo Autor como fatores originários da violência religiosa. A violência não é apenas elemento tangencial à manifestação religiosa, mas parte intrínseca da mesma.

Abstract:

The proposal of this article is to analyze the link between religion and violence - two realities ideally opposed, but inexorably united throughout History. After the elaboration of the concept and the typology of religious violence, the author exposes the possible variables involved in religious conflicts. Among these variables, is worthy of mention the violence which underlies the sacred books. Faith upon the contents of these books as absolute truths, and the need of its defense against potential deviants are pointed by the author as primary causes of religious violence. Violence is not only tangential to religion, but an inner part of it.

Resumen:

Este artículo se propone a analizar el vínculo entre religión y violencia - dos realidades idealmente opuestas, sin embargo inexorablemente unidas por los hechos de la Historia. Después de elaborar el concepto y construir una tipología de la violencia religiosa, el Autor discurre sobre posibles variables asociadas a los conflictos religiosos. Entre esas variables, se destaca la violencia subyacente a los libros sagrados de las religiones. La fe en el contenido de estos libros tal cual verdad absoluta y la necesidad de defensa contra eventuales disidentes son señaladas por el Autor como acontecimientos originarios de la violencia religiosa. La violencia no es solo elemento tangencial a la manifestación religiosa, pero parte intrínseca de la misma.

INTRODUÇÃO

Uma das mais características atribuições dadas à religião é o seu determinante papel na pacificação do coração humano. Na origem das maiores tradições religiosas está a pregação de valores sublimes - amor, perdão, paz e fraternidade universal, entre outros. No entanto, essas mesmas tradições são, paradoxalmente, protagonistas de grande parte dos conflitos

bélicos da sangrenta história da humanidade. Um sério problema se estabelece: a religião, ainda a maior escola assistencial do Planeta, desencadeia, simultaneamente, violência e conflito.

Este trabalho procura elucidar se a religião causa a violência apenas incidentalmente, ou se algo em sua conjuntura estrutural a torna intrinsecamente violenta. Quatro passos serão tomados ao longo da investigação:

- A. A delimitação do conceito de violência, subsequente tipologia e constatação fatural da sua ocorrência na práxis dos movimentos religiosos;
- B. Identificação de variáveis presentes em um conflito religioso;
- C. Exame dos livros-fonte das religiões quanto ao seu potencial de geração da violência;
- D. Elaboração de hipótese acerca da origem da violência religiosa.

O texto aqui apresentado é apenas uma fração do desenvolvimento dado ao tema em projeto a ser publicado oportunamente.

1. QUAL VIOLÊNCIA?

A palavra violência deriva do vocábulo latino *violentia, ae* - o qual designa, em sentido amplo, qualquer comportamento ou ação derivada de *vis* (força, vigor): impetuosidade do vento; ardor do sol; ferocidade; rigor; sanha; força aplicada contra coisas, ambientes, seres, sejam esses humanos ou subumanos, indivíduos ou grupos. Mais especificamente, a violência se distingue da simples aplicação da força. Enquanto a *força* designa genericamente a energia ou intensidade aplicada em determinado movimento, a *violência* é o elemento qualificador negativo da força: ação corrompida ou contaminada pelas emoções negativas - desprezo, rancor, ressentimento, raiva, ira, cólera, fúria, ódio - e intencionalmente voltada à agressão, intimidação, coerção, eliminação ou destruição de outrem. Portanto, uma definição preliminar de violência inclui ao menos estes dois elementos: emoção e intenção. Quanto à sua aplicação, a violência pode ser realizada tanto impulsivamente quanto de modo deliberado e calculado.

Quando nos referimos à realidade da violência, automaticamente pensamos em sua manifestação física. Contudo, a tipologia da violência é complexa, e mesmo a agressão corporal possui ascendentes níveis de intensidade e conseqüências (desde um leve ataque, sem maiores danos, até a destruição completa do corpo ou objeto agredido).

Possíveis tipos de violência incluem:

A) **Autoviolência:** desenvolvimento de comportamentos ou expressões agressivas do indivíduo contra si mesmo. A intenção de uma pessoa ao se punir, provocando auto-sofrimento, pode ser motivada pela necessidade de expiar culpa ou preencher vazios existenciais. Formas comuns de autoviolência incluem vícios, entre estes, o alcoolismo; o tabagismo; o consumo de drogas; o *workaholism*; a compulsão alimentar; a fixação pelos exercícios físicos; os comportamentos sexuais compulsivos. O suicídio ou sua tentativa é o ápice do ódio a si mesmo. Muitas práticas autopunitivas são comuns entre as tradições religiosas: o jejum; os castigos corporais auto-infligidos; as peregrinações extenuantes; os votos e sacrifícios cumpridos anualmente em santuários; o cilício; as vestes inibidoras da sexualidade; o celibato; o voto de pobreza; a humilhação diante dos superiores; a ingestão de substâncias alucinógenas, para citar algumas. O suicídio religioso recebe o nome de mártírio.

B) **Violência psicológica:** atitudes agressivas não são necessariamente cruentas. É possível minar a auto-estima e desfigurar a organização do universo mental de alguém por meio do recurso à rejeição, depreciação, preconceito, discriminação, ameaça, desrespeito, humilhação, assédio moral, silenciosa hostilidade, entre outras atitudes. Graves seqüelas emocionais podem acompanhar, durante muito tempo, os indivíduos ou grupos afetados. Programas educacionais promovidos pelas instituições religiosas contêm, em geral, processos de desagregação psicológica, baseando sua metodologia na adequação do indivíduo a modelos pré-estabelecidos (santos, místicos, autoridades eclesiásticas). Essas instituições propõem a substituição do ego pessoal pelo ego ideal do modelo escolhido, deixando pouco ou nenhum espaço para a originalidade pessoal. Uma vez admitido o processo, o membro do grupo religioso perde sua autonomia e passa a viver segundo padrões sociológicos anacrônicos, quais sejam: obediência cega aos superiores, vestes especiais (há religiosos vestidos segundo costumes medievais), adoção do vocabulário e ideário da instituição como única chave válida de compreensão do mundo, entre outros. Exemplos vívidos são os seminários, conventos e mosteiros católicos. O mosteiro católico medieval é a matriz original de muitas instituições totais (estabelecimentos fechados, a exemplo das prisões e hospitais psiquiátricos, os quais funcionam em regime integral de internato, sob rígido regramento do tempo e das ações individuais) surgidas no Ocidente - hipótese de Castel (1978), Foucault (1982), Goffman (1987) e Benelli (2002). Ainda dentro da Igreja Católica, o movimento *Opus Dei* tem sido responsável até mesmo pela regressão de algumas pessoas ao estado de demência, tamanho o grau de lavagem cerebral ao qual foram submetidas (cf. Ferreira, Lauand e Silva, 2005).

C) **Violência verbal:** consiste no uso da palavra escrita ou falada para humilhar, insultar, ofender, diminuir, ameaçar, coagir, enganar, manipular ou agredir alguém. Incluem-se aqui, entre tantos exemplos, os anátemas proferidos ao longo dos séculos por alguns Papas contra os hereges e outros supostos inimigos da Igreja Católica; a ordem de matar o escritor Salman Rushdie (1947-) dada pelo Aiatolá Khomeini (1900-1989) em 1989; as veementes ameaças de condenação ao inferno, costumeira estratégia dos pastores evangélicos no Brasil.

D) **Violência cultural:** a imposição substitutiva de valores, crenças, símbolos, idéias, conceitos e costumes a indivíduos ou grupos de indivíduos. A lavagem cerebral, a imposição dos catecismos e as missões religiosas incluem-se nesta categoria. Em 12 de outubro de 1995, o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Sérgio van Helde, em cadeia nacional de TV, xingou e chutou imagem de Nossa Senhora Aparecida - um dos símbolos mais eloqüentes da religiosidade católica no Brasil.

E) **Violência política:** a interferência, invasão ou dominação de um grupo político sobre outros grupos ou de um Estado dominante sobre outro Estado ou grupo de Estados dominados. A violência política inclui, entre outros meios, protecionismo ou bloqueio econômico; a ameaça armamentista; a invasão militar; a guerra; a revolução armada; a cassação de direitos políticos; o exílio; a supressão da soberania nacional, a prisão, repressão e eliminação de dissidentes ideológicos; a restrição da liberdade de expressão; o suborno de autoridades; a fraude eleitoral; o golpe de Estado; o nepotismo; a propaganda ideológica; a instauração de regimes totalitários e absolutistas; a guerrilha; a escravidão; o fanatismo nacionalista; o terrorismo. Alguns exemplos, entre os muitos possíveis: a Inquisição Espanhola (1478-1834); as “patrulhas da moralidade” no Irã, a partir

de 1979; a imposição da *sharia* (código de leis islâmicas baseadas no Alcorão) no Sudão, em 1983, quando amputações, chibatadas e apedrejamentos foram realizados em cerimônias públicas previamente anunciadas; a guerrilha entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte; as violentas manifestações de cristãos radicais contra as clínicas abortivas nos Estados Unidos; os assassinatos de Anwar El Sadat (1981) no Egito, Yitzhak Rabin (1995) em Israel e Benazir Bhutto (2007) no Paquistão; os atentados terroristas assumidos por diversos grupos muçulmanos ao redor do globo no início do século XXI.

F) **Violência social:** manifesta-se nos conflitos oriundos da integração entre diversos organismos e classes componentes das sociedades humanas. Figuram, entre outros exemplos, a criminalidade; as agudas desigualdades entre classes sociais; a fome; a miséria; o precário sistema público de saúde; a corrupção generalizada; a poluição sonora; os conflitos no trânsito; a mortalidade infantil; a ausência de oportunidades educativas; a prostituição forçada; o desemprego; os baixos salários; os impostos abusivos; o desvio de verbas públicas; a concentração de renda. Ao longo da História, muitas religiões tornaram-se opulentas, impondo pesadas taxas aos fiéis, enquanto seus líderes acumulavam e ostentavam riqueza. Exemplos clássicos são os Fariseus e Saduceus, grupos judaicos predominantes no tempo de Jesus; muitos Papas católicos, especialmente durante a Baixa Idade Média e toda a Idade Moderna; o místico hindu Bhagwan Shree Rajneesh (1931-1990), mais conhecido como “Osho”. Exemplos hodiernos envolvem muitos líderes das igrejas neo-pentecostais no Terceiro Mundo, envolvidos em casos de sonegação e estelionato.

G) **Violência física:** compreende vasta gama de manifestações agressivas contra o corpo e contra a vida de indivíduos ou grupos sociais. O emprego da violência física pode realizar-se no embate corpo-a-corpo ou no emprego de instrumentos que causam a morte ou infligem dor. Desde a invenção do cajado até as atuais armas de destruição de massa, a sofisticação da capacidade humana para a aniquilação de sua própria espécie é um fato permanente. Dentre as ações autofágicas reproduzidas ordinariamente pela espécie humana, estão incluídas, entre outras, o espancamento; o trabalho forçado; a tortura; a mutilação; o homicídio; o genocídio; a limpeza étnica; a guerra. Este tipo de violência causado pelas religiões, ou a elas relacionada, sobeja na História. Exemplos contundentes são os sacrifícios humanos realizados pelas religiões pagãs; as Cruzadas (1095-1278); a Inquisição católica (Baixa Idade Média e Idade Moderna); as guerras entre protestantes e católicos na Europa nos séculos XVI e XVII; a Rebelião de Taiping na China (1850-1871), com seus vinte milhões de vítimas; a profunda influência do Zen-Budismo na cultura de guerra japonesa nos séculos XIX e XX; os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 em New York e Washington, D.C., assumidos por radicais islâmicos.

H) **Violência sexual:** modalidade de abuso físico ou mesmo psicológico, no qual o corpo de uma pessoa é molestado ou violado sexualmente contra sua própria vontade. Contam-se, entre suas possíveis expressões, o assédio libidinoso, o estupro, o incesto e os atos de pedofilia. Um dos exemplos mais pungentes é a avalanche de casos de pedofilia revelados ao público a partir de 2002, envolvendo sacerdotes e bispos católicos nos Estados Unidos e vários outros países.

I) **Violência ambiental:** integra ampla série de agressões contra o meio-ambiente. São exemplos, entre outros, a poluição dos mares, rios e fontes; o desperdício de água; o desmatamento; a poluição sonora; a emissão de gás carbônico na

atmosfera; a caça ou pesca esportiva e predatória; o extermínio de espécies vivas; a extração abusiva de recursos naturais. Grandes quantidades de metais preciosos foram extraídas na América Latina, África e Extremo Oriente para a fabricação de estátuas, templos e objetos sagrados. O extermínio de algumas espécies animais também foi, em diversas regiões, resultado do uso das mesmas em rituais religiosos primitivos. Exemplo comum de violência ambiental é o barulho imposto, no Brasil, por muitos templos e igrejas aos seus vizinhos, compelidos a ouvir sermões e cânticos despejados de alto-falantes intrusivos.

J) Violência simbólica: recurso à violência sublimada em atividades canalizadoras da agressividade humana para formas controladas e socialmente “aceitáveis”, reproduzidas em *settings* artificiais. Dentre as modalidades mais difundidas deste tipo de violência estão os esportes, o Cinema; a Teledramaturgia; determinados *videogames* e jogos individuais ou grupais via *internet*. Este tipo de violência aparece em muitas religiões, qual sublimação da primitiva necessidade dos sacrifícios humanos para aplacar a ira dos deuses. No Catolicismo, o sacramento da Eucaristia, encenação diariamente repetida do sacrifício de Jesus Cristo, ocupa lugar central na hierarquia de ritos e mistérios.

K) Violência contra minorias: combinação de várias modalidades de opressão dirigidas a grupos ou subgrupos específicos, contra os quais se alimenta preconceito. Exemplos notáveis são as manifestações de agressão física e psicológica contra as mulheres e crianças em todas as nações do mundo. Estes dois grupos são especialmente vítimas de violência sexual. Mais uma vez, incluem-se aqui os numerosos casos de pedofilia perpetrados por sacerdotes católicos e os constantes abusos aos quais mulheres são submetidas em vários países de tradição islâmica.

Na presente análise da vinculação entre religião e violência, o significado desta última compreende todos os tipos de violência elencados acima. Abrange, em especial - mas não exclusivamente - a erupção da violência organizada, isto é, as atrocidades apoiadas ou causadas por grupos e tradições religiosas, cujos interesses políticos e doutrinários levaram aos extremos a perseguição sistemática aos seus párias, a prática da tortura, a disseminação da “guerra santa” e a consumação do extermínio de inteiras populações.

2. CONFLITOS RELIGIOSOS

Em muitas das guerras, massacres e outros episódios violentos do passado e do presente da Humanidade, a religião aparece ora como causa principal do conflito, ora qual fator de significativo relevo, somado a outros no trágico desenlace. Impressionantes listas de sangrentos embates de fundo religioso preenchem as páginas de enciclopédias e livros, dos quais os recentes *best sellers* “Perseguições Religiosas” (2003) e “O Livro Negro do Cristianismo” (2007) são exemplos. A simples leitura diária dos jornais é suficiente para se constatar o fato dos choques entre religiões estarem contados entre as mais ameaçadoras fontes de conflitos no mundo.

Tomando-se como critério sua abrangência ou alcance universal, as colisões explícitas entre sistemas de fé podem ser classificadas em quatro níveis, aqui apresentados em ordem decrescente:

1. Mega-conflitos religiosos: compreendem os choques beligerantes entre diferentes civilizações, os quais conferem

a estes confrontos uma dimensão global ou intercontinental. São exemplos históricos: as *Cruzadas*, campanhas militares nas quais a civilização ocidental, munida da religião cristã-católica, se opôs às civilizações árabe, de religião muçulmana, e bizantina, de religião cristã-ortodoxa, na disputa pelos territórios da Palestina; a *conversão forçada* ao cristianismo das civilizações indígenas nas Américas, processo no qual a Cruz mimetizou a Espada.

2. Macro-conflitos religiosos: referem-se às guerras religiosas entre diferentes países ou blocos de países, partícipes da mesma civilização. O alcance desse tipo de situação é internacional. São exemplos os sangrentos embates da “Guerra dos Trinta Anos” entre católicos e protestantes, os quais arrasaram os países da Europa Central entre 1618 e 1648.

3. Mini-conflitos religiosos: referem-se às agressões e manifestações belicistas entre grupos regionais dentro da mesma nação. Exemplos: os violentos choques entre hindus, muçulmanos e sikhs na Índia; os banhos de sangue envolvendo muçulmanos, cristãos e animistas no Sudão; as rivalidades entre sunitas e xiitas em vários países islâmicos; as guerrilhas entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte. É possível incluir nesta categoria os mecanismos repressivos criados pela religião de Estado para garantir a obediência compulsória aos seus dogmas, a instalação da Teocracia e a punição dos dissidentes. Recorde-se o “governo de Deus na terra” estabelecido no Irã pelo Aiatolá Khomeini em 1979; a Inquisição Católica durante a Baixa Idade Média e Idade Moderna.

4. Microconflitos religiosos: são situações cotidianas nas quais indivíduos se agridem - verbal ou fisicamente - em decorrência de suas crenças divergentes. Pode também se encaixar aqui vasta gama de situações rotineiras e incruentas, nas quais a discriminação, a intolerância, o fanatismo e o espírito de seita condicionam o comportamento dos indivíduos. Atitudes agressivas de menor proporção - evitar a comunicação com membros de outra fé, usar camisetas e adesivos de propaganda sectária, manifestar força por meio de gigantescas passeatas e mega-shows, entre outras - não deixam de representar uma tácita ruptura da paz.

O alto número de episódios violentos ao redor do Globo especialmente aqueles em nível macro e, mais recentemente, os atentados terroristas assumidos por movimentos radicais islâmicos, têm levado muitos acadêmicos e debatedores a considerarem a religião uma das fontes primárias da violência contemporânea (cf. o *boom* editorial de obras críticas à religião publicadas no Brasil em 2007, o qual incluiu os livros de R. Dawkins, C. Hitchens e M. Onfray, entre outros). Por outro lado, os líderes e apologistas religiosos negam peremptoriamente qualquer relação causal entre suas crenças e as manifestações de violência ou terrorismo, atribuindo a responsabilidade de tais situações à interpretação distorcida de indivíduos ou grupos isolados. Faz-se necessário perguntar: *que tipo de variável representa a religião dentro dos conflitos belicistas cujo aparente estandarte é a defesa de uma específica tradição?*

Seria ingênuo considerar os motivos religiosos como os únicos fatores desencadeantes dos certames denominados “guerras santas”. Na zona de conflito, a religião tem sido, inegavelmente, fator de estímulo, exasperação ou justificativa das hostilidades entre grupos humanos. De fato, as maiores tradições religiosas do mundo possuem vasto histórico de legitimação do uso da violência, o recurso à chamada “guerra justa”. No entanto, os confrontos bélicos freqüentemente envolvem outras

variáveis, tais como questões étnicas, disputa de território, retaliações e ideologias políticas.

Ao menos dois fatores devem ser considerados em uma análise do vínculo entre religião e violência que pretenda ser ponderada. O primeiro fator é o conteúdo dos livros sagrados das religiões, nos múltiplos trechos justificando todo tipo de violência. O segundo fator é a necessária contextualização sócio-político-econômica dos atores envolvidos nos conflitos religiosos, pois a religiosidade não é realidade atemporal. Ao contrário, ela reproduz e potencializa as tendências mais amplas da sociedade na qual se insere. Quando vistas sob a luz da História, as tradições religiosas apresentam um traço comum em seu desenvolvimento: todas elas buscaram, em algum momento, aliança com os poderes estatais para assegurar a supremacia de seus dogmas e estender o domínio e a riqueza de seus sacerdotes.

3. A AMBIGUIDADE DOS LIVROS SAGRADOS

Os textos sagrados - oráculos, escrituras e revelações, nos quais as maiores religiões fundamentam suas origens - apresentam grave problema: estão repletos de apelos à violência descritos em linguagem ambivalente. A ambigüidade da linguagem religiosa reside no fato de um mesmo texto servir tanto a interpretações intolerantes, geradoras de cruel fanatismo, quanto a interpretações condescendentes, inspiradoras de movimentos pacifistas. Esta ambigüidade torna-se letal no momento em que os religiosos atribuem a autoria do texto aos seus respectivos deuses ou divindades.

Estas são apenas três citações tiradas dos livros sagrados das três maiores religiões monoteístas do planeta:

A) Judaísmo. No livro dos Salmos, um dos escritos do Antigo Testamento, o orador sagrado assim se dirige aos seus inimigos persas:

“Filha da Babilônia, que hás de ser destruída, feliz aquele que te der o pago do mal que nos fizeste. Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra” (Salmo 137:8-9).

B) Cristianismo. No Evangelho segundo Mateus, parte do Novo Testamento, Jesus afirma o seguinte:

“(…) aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus. Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas a espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa” (Evangelho segundo Mateus, 10:33-35).

C) Islamismo. O Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, recomenda:

“Mas quando os meses sagrados houverem transcorrido, matai os idólatras, onde quer que os acheis; capturai-os, acoisai-os e espreitai-os; porém, caso se arrependam, observem a oração e paguem o zakat, abri-lhes o caminho. Sabei que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo” (Sura 9:5).

Centenas de trechos de conteúdo semelhante são encontrados nas três obras supracitadas. Nesses textos, massacres, extermínios, mutilações, saques e estupro são praticados em obediência à vontade divina. Este fato deveria bastar para levar o leitor religioso a, de um lado, duvidar da superioridade ética das revelações recebidas e, de outro, questionar o caráter antropomórfico dos discursos divinos, isto é, perguntar-se o quanto as características atribuídas aos deuses são, no final de tudo, a projeção externa dos próprios interesses humanos.

Tomadas isoladamente, há outras tantas passagens nesses livros capazes de inspirar nobres iniciativas. Mas é também verdade - e uma verdade predominante na história humana - que os textos violentos conduziram e continuam a conduzir indivíduos e grupos a protagonizarem todo tipo de tragédia. Acentuar os trechos pacíficos desses livros não apagará a presença de outros tantos inspiradores de segregação, ódio e carnificina. E - consideremos este fato - as próprias religiões armaram para si mesmas uma cilada hermenêutica: não é possível subtrair nenhum trecho dos livros sagrados, pois todas as suas palavras são consideradas, integralmente, "verdade revelada", "palavra de Deus". Portanto, os textos-fonte das religiões, em razão de conterem em si as sementes da violência, continuarão a alimentar nacionalismos, absolutismos e fanatismos. Nos livros sagrados, a guerra santa e todos os seus horrores não são simples desvios de interpretação, mas iniciativas anunciadas e encorajadas pelas maiores autoridades religiosas: patriarcas, sumos-sacerdotes, profetas, santos e pregadores de todas as classes. Os eventos sangrentos são parte central da mensagem desses livros.

4. A DEFESA DAS VERDADES DE FÉ: NASCENTE DA VIOLÊNCIA RELIGIOSA

A problemática dos livros sagrados nos reporta à estrutura *sui generis* das religiões: suas instituições, lideranças e códigos normativos reivindicam origem divina. Afirmam serem depositárias de uma verdade transcendental e absoluta, definindo o destino último da humanidade. O fiel adere a esta verdade religiosa por meio da fé.

A experiência da fé, uma vez codificada em estatutos ou expressa em escrituras, torna-se objetiva referência para a uniformização de doutrinas, rituais, comportamentos e organização hierárquica. Divergências quanto à legítima interpretação das verdades de fé serão sempre motivos de contenda dentro de uma organização religiosa. Como a verdade revelada é absoluta, e parte desta revelação é a investidura de autoridades que a possam interpretar corretamente, eventuais discordâncias nunca serão bem-vindas. Surge a necessidade de proteger a interpretação oficial contra o perigo de oposição interna e externa. A história das religiões nos ensina que a defesa da ortodoxia, partindo da simples censura à voz dissidente, pode recrudescer em um *crescendum*, até atingir os sombrios patamares da eliminação física dos adversários ideológicos.

Embora este processo de autodefesa institucional seja recorrente em todas as tradições religiosas, o núcleo potencial da violência parece residir em instância ainda anterior à própria institucionalização da fé. Indivíduos dotados da convicção de ser a sua crença a vontade de um deus a eles confiada, e que do conhecimento dessa mensagem depende o destino do mundo, podem - mesmo desvinculados de qualquer instituição - perpetrar atos violentos para fazer valer seus ideais. É como se eles tivessem, em sua imaginação, um salvo-conduto emitido pela própria divindade, em nome da qual os objetivos de conversão devam ser atingidos, não importando os meios empregados. Assim, é na estrutura irracional da fé que se esconde a semente da

violência praticada pelos crentes de todas as denominações religiosas da Terra. Alguns objetarão ser esse o processo do fanatismo fundamentalista, o qual não deveria ser tomado pela religião como um todo, mas simplesmente como sua excrescência doentia. No entanto, as expressões de virulência fundamentalista ou os atos insanos cometidos pelos fanáticos religiosos são apenas extrapolações da intolerância que permeia sub-repticiamente a estrutura da religião.

A apresentação de qualquer idéia sob a capa de suposta verdade absoluta, provocará, inevitavelmente, manifestações de força para garantir sua predominância. A eliminação *a priori* da possibilidade de discussão ou debate a respeito de tal idéia, já lhe confere caráter impositivo. Tal é a natureza das assim chamadas “verdades de fé”: revestem-se de autoridade inquestionável. Sua formulação se equaciona à própria verdade dos deuses, quaisquer sejam os nomes e idiosincrasias a eles atribuídos. O crente comum tem sempre a convicção de que sua tradição detém a verdade única, pela qual ele ou ela será exortado a dar a vida. O sentimento de possuir uma missão aquela de propagar a verdade divina quando assumido com fervor, desencadeia a atividade da persuasão, cujos mecanismos são de coerção psicológica, uma vez que o mensageiro traz a verdade absoluta e, a seu interlocutor, não resta alternativa senão render-se à sua pregação.

Comunidades religiosas, em geral, alimentam poderoso ego coletivo, pela idéia de ser, cada uma delas, o “povo escolhido”. Esta crença é o elemento propulsor das missões religiosas, cujos objetivos fundamentais são a multiplicação de conversões à fé e a expansão da área territorial de influência da religião. Um agressivo proselitismo contribui para o desmantelamento da identidade cultural de indivíduos e grupos sociais. Uma eventual rejeição da “proposta” de salvação apresentada será retribuída com a condenação ao sofrimento eterno. Esta coerção - a princípio apenas psicológica - pode evoluir para formas mais incisivas de ameaça: castigos físicos, depredação ou destruição de bens associados a idéias divergentes (livros, templos, objetos de arte, entre outros), expulsão da comunidade com subsequente alienação da vida social, morte física (pena capital) e espiritual (condenação à perdição eterna). Em última instância, é possível ocorrer a deflagração do genocídio ou a declaração de guerra a grupos opositores.

Os mecanismos coercitivos tornam-se mais eficazes quando a religião se alia ao poder estatal. Neste caso, há simbiose de interesses para a afirmação inquebrantável do Poder. Os líderes religiosos precisam do Estado para consolidar a homogeneidade da fé imposta e legalizar a repressão a possíveis dissidências. Governantes, por sua vez, controlam melhor as massas e estendem sua permanência no Poder ao identificarem sua administração com os símbolos e princípios imutáveis da religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À questão inicial - *é a violência apenas consequência acidental das manifestações religiosas ou é a religião, na sua conjuntura estrutural, o gatilho para a deflagração de violência?* - este autor responde: *a religião é intrinsecamente violenta*. As razões desta hipótese baseiam-se na longuíssima série de episódios históricos violentos envolvendo direta ou indiretamente as religiões. As sementes da violência podem ser encontradas nos livros sagrados - textos-fonte das religiões - aos quais seus adeptos dão incondicional consentimento de fé. Esses livros, cujo conteúdo é sempre atribuído a uma divindade ou a

representantes divinamente autorizados, inspiram a criação de estruturas coercitivas contra vozes dissidentes. Os objetivos expansionistas dos credos religiosos, quando em aliança com os poderes governamentais, são potenciais estopins para o estabelecimento de regimes opressivos e a deflagração de guerras e genocídios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Almeida, João Ferreira de (trad.). *Bíblia Sagrada*, São Paulo: Ed. Trinitariana, 1990.
2. Benelli, Sílvio J. *Pescadores de Homens - a Produção da Subjetividade no Contexto Institucional de um Seminário Católico*, dissertação de Mestrado, Assis: UNESP, 2003.
3. Castel, R. *A Ordem Psiquiátrica: a Idade de Ouro do Alienismo*, Rio de Janeiro: Graal, 1978.
4. Dawkins, R. *Deus, Um Delírio*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
5. Ferreira, Dario F., Lauand, Jean e Silva, Márcio F. *Opus Dei - os Bastidores*. Campinas: Ed. Verus, 2005.
6. Fo, Jacopo, Tomat, S. e Malucelli, L. *O Livro Negro do Cristianismo - Dois Mil Anos de Crimes em Nome de Deus*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
7. Foucault, Michel. *A Vontade de Saber*, 4.a edição, Rio de Janeiro: Graal, 1982.
8. Goffman, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*, 2.a edição, São Paulo: Perspectiva, 1987.
9. Haught, James A. *Perseguições religiosas - Uma história do Fanatismo e dos Crimes religiosos*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
10. Hitchens, C. *Deus Não é Grande*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
11. Onfray, M. *Tratado de Ateologia*, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

REFERÊNCIAS INFOGRÁFICAS

1. Muhammad. *O Alcorão*, tradução portuguesa disponível no site do Centro Islâmico do Brasil <http://www.arresala.org.br>.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. Appleby, R. Scott. *The Ambivalence of the Sacred - Religion, Violence, and Reconciliation*, New York: Carnegie Corporation of New York/ Rowman & Littlefield Publishers Inc., 2000.
2. Bingemer, Maria Clara L. (org). *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: Três Religiões em Confronto e Diálogo*, São Paulo: Loyola, 2001.
3. Juergensmeyer, Mark. *Terror in the Mind of God the Global Rise of Religious Violence*, 3rd ed., Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2003.
4. Selengut, Charles. *Sacred Fury Understanding Religious Violence*, Walnut Creek CA: Altamira, 2003.
5. Vieira, Waldo. *Homo sapiens pacificus*, Foz do Iguaçu: Editares, 2007.
6. Weaver, Denny J. *Violence in Christian Theology* in: Cross Currents, Summer 2001, Vol. 51, N. 2.

INFOGRAFIA CONSULTADA

1. Ellul, Jacques. *Violence: Reflections from a Christian Perspective*. Disponível no site: <http://www.religion-online.org/showchapter.asp?title=573&C=715>, acessado em 30/09/2007.
2. Juergensmeyer, Mark. *Is Religion the Problem?* In: Global & International Studies Program, University of California, Santa Barbara, 2004. Disponível no site: <http://repositories.cdlib.org/gis/21>, acessado em 20/01/2008.

